

Pra Frente, Brasil: Futebol, Propaganda e Ditadura¹

Lucas Gonçalves GOMES²

Pablo Nabarrete BASTOS³

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal compreender as peculiaridades da relação esporte-política no Brasil e como o futebol foi transformado em instrumento da propaganda totalitária pelo Regime Militar. A partir de uma análise documental, investiga como os mecanismos de persuasão são associados ao esporte e promovidos através dos meios de comunicação e como atingem as massas, de modo que conseguem legitimar regimes anti-democráticos. Busca apresentar as principais características da propaganda totalitária e quais foram os apelos comunicacionais associados ao esporte para legitimar ditaduras.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Propaganda; Ditadura; Futebol.

INTRODUÇÃO

Poucas atividades no mundo são capazes de movimentar e despertar sentimentos nas pessoas como o esporte. São milhões de praticantes e centenas de modalidades existentes ao redor do planeta. No decorrer do século XX, o esporte tornou-se um produto altamente rentável e acabou recebendo atenção especial de diversos governos, que exploraram ao máximo seu potencial como meio de propaganda.

De maneira geral, o entretenimento sempre foi usado por autoridades como meio de alienação, para desviar a atenção da população sobre aspectos sociais e políticos. A partir do desenvolvimento e da massificação dos meios de comunicação de massa, é correto afirmar que o esporte acabou se consolidando também como um instrumento de poder. Se o Império Romano utilizou espetáculos e lutas entre gladiadores nos

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduando do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da GCO-UFF, e-mail: lggomes@id.uff.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social, do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC-UFF), e-mail: pablobastos@id.uff.br

anfiteatros para distrair a plebe, na contemporaneidade governos tiraram proveito de competições esportivas, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, para conquistar o apoio do povo ou melhorar sua imagem perante a opinião pública, por exemplo.

Não por acaso, o esporte tornou-se instrumento essencial para a propaganda de regimes totalitários. Seja promovendo luxuosas competições esportivas ou beneficiando-se de títulos de suas seleções, governos autoritários ao redor do mundo utilizaram-no para divulgar seus valores e princípios e para conquistar o apoio popular que legitimaria suas políticas.

No último século, atrás da bola e no coração dos Mundiais, correram sangue, suor e lágrimas. Uma centena de ditaduras vigiou de perto os benefícios que o maior evento dos tempos modernos poderia lhe oferecer. E agiu. Futebol e poder, fatalmente, converteram-se, para sempre, em amigos... (MARTOLIO, 2014)

A Copa do Mundo de 1970, realizada no México, coroou uma das maiores seleções de futebol da história, que, comandada por craques como Pelé, conquistou o tricampeonato do principal torneio de futebol. Com o país vivendo o auge do chamado "Milagre Econômico", a Ditadura Militar, presidida na época por Emílio Garrastazu Médici, aproveitou a vitória brasileira para promover-se, através dos meios de comunicação de massa, com o objetivo de propagar um sentimento ufanista no país e legitimar sua política através do apoio popular.

A partir de uma análise documental qualitativa, este artigo busca investigar como os mecanismos de persuasão associados ao esporte, promovidos pela propaganda totalitária através dos meios de comunicação, atingem as massas de modo que conseguem legitimar regimes anti-democráticos. Da mesma maneira, procura entender, também, as peculiaridades da relação esporte-política no Brasil e quais foram os apelos comunicacionais associados ao futebol utilizados durante os Anos de Chumbo.

Na primeira seção, busca-se apresentar a relação intrínseca entre esporte, propaganda e poder e como o futebol foi tratado como instrumento político no país, até se tornar parte da identidade nacional do brasileiro. Posteriormente, nas duas seções seguintes, buscamos compreender quais são as principais características da propaganda totalitária e como o esporte foi transformado por ela como um meio para divulgar ideologias e valores de governos ditatoriais, principalmente pela Ditadura Militar no Brasil.

1. ESPORTE, PROPAGANDA E PODER

A propaganda utilizada como instrumento político não é algo que surgiu recentemente ou após o início da Idade Moderna. Uma vez que disputas políticas existem desde os primórdios da sociedade, ela sempre esteve presente desempenhando sua função. Apesar disso, foi apenas no século XX que seu uso tornou-se mais valorizado e, de certa maneira, indispensável pelos regimes. Segundo Jean-Marie Domenach, a propaganda política, inicialmente, movimenta a massa através de complexos mecanismos fisiológicos, psíquicos e inconscientes para desempenhar seu papel principal: influenciar o comportamento e as opiniões da grande massa (DOMENACH, 2002).

A propaganda política de governos autoritários, de uma maneira geral, "atua no sentido de aquecer as sensibilidades e tende a provocar paixões" (CAPELATO, 1999, p. 168). Para intensificar as emoções do povo, os regimes utilizam, principalmente, os meios de comunicação de massa para aquecer na sociedade alguns sentimentos característicos do totalitarismo, tais como patriotismo e o culto à personalidade do líder. Além da Imprensa, do rádio e televisão, principais meios de comunicação de massa, outros mecanismos também são comumente utilizados por tais regimes, como a literatura, as manifestações cívicas, o teatro, cinema e o esporte.

Este último, inclusive, pela capacidade de atrair multidões e envolver a paixão das massas, é um dos instrumentos que mais recebe atenção da propaganda política totalitária. Nas experiências totalitárias que o Brasil já vivenciou, o esporte - sobretudo, o futebol - também foi uma das principais armas governamentais na busca por legitimação, principalmente durante os anos da Ditadura Militar (1964-1985). Para analisar a relação política-futebol no país, faz-se necessário, primeiramente, compreender como tal esporte popularizou-se na grande massa através do tempo até se tornar uma verdadeira paixão nacional.

1.1. A HISTÓRIA POLÍTICA DO FUTEBOL NO BRASIL

Foi durante a Era Vargas (1930-1945) que o futebol tornou-se um importante instrumento político para o país. Quando ascendeu ao poder, um dos principais objetivos de Vargas era a formação de uma identificação da nação, que deveria estar conectada com os valores do novo movimento "revolucionário". Sobretudo após a Revolução Constitucionalista de 1932⁴, ele viu no futebol um grande aliado na complicada tarefa da unificação nacional e, também, na busca por legitimação e apoio popular.

O esporte representaria a pátria, e as batalhas travadas no campo esportivo eram travadas simbolicamente por toda a nação. As vitórias exaltavam as virtudes nacionais, e o sucesso esportivo era visto como reflexo do sucesso nacional. Até mesmo as derrotas, quando resultantes de um embate digno, (...) aproximavam ainda mais o povo de seu símbolo pátrio, de sua seleção, de sua nação. (DRUMOND, 2009, p. 405)

Em 1933, o governo federal batalhou junto à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade responsável pela organização dos esportes no Brasil, pela profissionalização do futebol no país, atendendo à reivindicação de muitos clubes e atletas da época. Durante os primeiros anos da Era Vargas, não foram poucas as aparições públicas do presidente cumprimentando os jogadores da seleção brasileira antes e depois de importantes campeonatos, como os campeonatos Sul-Americanos e a Copa do Mundo de 1934.

Após a implantação do Estado Novo (1937-1945), essa ligação entre governo e futebol foi explorada ao máximo e ele tornou-se o principal elemento de propaganda nacionalista do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)⁵. Meses após a instauração do novo regime, a seleção brasileira embarcou para a França, visando a disputa da III Copa do Mundo, e seu sucesso seria fundamental para a política estadonovista. Pela primeira vez, através do rádio, os jogos seriam transmitidos ao vivo para a América Latina e cada vitória brasileira transformava-se em uma celebração nacional. A conquista do 3º lugar foi motivo de orgulho para a população brasileira, que

⁴ Movimento armado ocorrido em alguns estados do Brasil, principalmente em São Paulo, com o objetivo de derrubar o Governo Provisório de Vargas e convocar uma Assembléia Nacional Constituinte para a criação da nova constituição do país.

⁵ Criado em 1939, este órgão governamental era responsável por controlar a atuação dos meios de comunicação e difundir a ideologia oficial do novo regime instaurado por Getúlio Vargas.

recebeu os jogadores com muita festa: "a esta altura, o esporte já está definitivamente incluído nos planos propagandísticos do governo (MELO; DRUMOND, 2009, p. 49).

Ao longo do Estado Novo, até mesmo celebrações cívicas contribuíram para uma aproximação do governo com o esporte nacional. No decorrer da década de 1940, não foram poucas as vezes que Vargas realizou seus comícios nos principais estádios da época. Em São Januário, estádio do Vasco da Gama, o presidente comandava um “comício cívico-militar-esportivo” durante as comemorações do Dia do Trabalho e nelas sempre assinava algum novo decreto trabalhista para benefício da população⁶. Tal associação tornava-se mais uma ferramenta de promoção da ligação entre esporte e Estado, além disso, acabava contribuindo para a formação de um clima festivo e criava uma sensação de que o país estava progredindo (DRUMOND, 2009, p. 413).

Após o início da redemocratização no país, Eurico Gaspar Dutra foi eleito como presidente e a valorização do esporte seguiu a todo vapor. Durante o seu governo, o Brasil recebeu da Federação Internacional de Futebol (FIFA) a responsabilidade de sediar, em 1950, a 4ª edição da Copa do Mundo e construiu uma mega infraestrutura para o torneio, incluindo dois novos estádios para a disputa das partidas: o Estádio Independência, em Belo Horizonte, e o "monumental" Estádio Municipal - ou Maracanã - no Rio de Janeiro, capital do Brasil⁷.

Durante a competição, não foram poucos os políticos que utilizaram a seleção brasileira como palanque, visando as eleições estaduais e federais que seriam disputadas meses depois. Segundo Agostino, "mostrar-se sintonizado com os rumos vitoriosos do esporte brasileiro era uma questão primordial para os políticos em campanha" (2002, p. 148). Apesar da extraordinária campanha que a seleção vinha fazendo, o sonho do primeiro título mundial acabou na partida final do torneio, contra o Uruguai, disputada sob os olhos de aproximadamente 200 mil espectadores que estiveram no Maracanã. A derrota para os uruguaios, de uma certa maneira, alterou os rumos da política nacional, abrindo caminho para Getúlio Vargas retornar à presidência do país, eleito - pela primeira vez - pelo voto popular.

Oito anos após o *Maracanazo*, em 1958, a seleção brasileira viajou para a Suécia com a árdua missão de, enfim, conquistar a Taça Jules Rimet. Conforme a equipe

⁶ Disponível em: <<https://glo.bo/3fiThzz>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

⁷ *Esporte Ilustrado*, n. 637, 22 jun. 1950, p. 13-17. Disponível em: <<https://bit.ly/3svvQqg>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

comandada por Pelé e Garrincha avançava de fase, a expectativa entre a população crescia e, conseqüentemente, a política entrava em campo. Após uma posse complicada, Juscelino Kubitschek, presidente da República, abraçou a Copa do Mundo como a principal oportunidade de conectar-se com o povo. Enquanto o país vivenciava um grande salto industrial e a construção de Brasília, sua futura capital, cenas de J.K. sentado ao redor de um rádio, como um torcedor preocupado e ansioso, para ouvir as transmissões das partidas eram comuns⁸.

Após a vitória contra os donos da casa, que assegurou o título, Juscelino fez questão de providenciar seu avião presidencial para levar os campeões do mundo à festa no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, na qual homenageou todos os atletas e celebrou a conquista do Brasil bebendo champagne no troféu, "imagem que condizia com o clima de otimismo que marcava o discurso governamental comprometido em promover cinquenta anos de progresso em cinco de governo" (AGOSTINO, 2002, p. 152). No dia seguinte ao título, J.K. aproveitou o estado de celebração nacional para inaugurar oficialmente o Palácio da Alvorada, residência oficial do chefe de governo no Brasil: era mais um passo para o progresso do país.

No dia 31 de março de 1964, um golpe militar derrubou o governo do então presidente João Goulart, inaugurando o período mais sombrio da história brasileira: os anos da Ditadura Militar, que perduraram por mais de duas décadas. E foi no futebol que a alta cúpula militar viu sua principal oportunidade de legitimação. Naquele momento, o futebol não buscava mais uma posição dentro da cultura brasileira, ele já havia encontrado seu espaço e se tornado o esporte mais popular no país. Era, verdadeiramente, a grande paixão nacional. E, como era de se esperar, tornou-se o principal instrumento político para o governo e para a propagação dos valores "revolucionários".

Em 1966, o Brasil viajaria como o grande favorito para a Inglaterra em busca do tricampeonato e ninguém poderia imaginar um cenário em que a seleção não retornasse com a taça. Dessa forma, a futura conquista já estava nos planos dos militares: era a oportunidade de mostrar ao mundo a tão almejada imagem de um Brasil em progresso. A esperança militar ruiu ainda na fase de grupos, quando a seleção foi derrotada por Portugal e voltou mais cedo para casa. A partir daquele momento, não havia dúvidas

⁸ Disponível em: <<http://glo.bo/Or1jYq>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

acerca dos próximos passos do governo: um sucesso na Copa do Mundo de 1970 tornava-se primordial para o futuro do novo regime e intervenções diretas nos rumos da seleção brasileira entraram em pauta.

Após o fracasso nas terras inglesas, João Havelange, presidente da CBD, delegou à João Saldanha, jornalista esportivo e filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), a responsabilidade de comandar a seleção brasileira durante as Eliminatórias para a Copa de 1970. Tal decisão surpreendeu e, conseqüentemente, preocupou a alta cúpula militar, uma vez que Saldanha era um ferrenho crítico do regime. Havia um certo temor de que "João Sem Medo" chegasse ao México e denunciasse prisões políticas e os crimes que vinham ocorrendo no país (AGOSTINO, 2002, p. 160).

Apesar da sólida campanha feita durante as partidas eliminatórias e a classificação para a Copa, atritos começaram a surgir entre o treinador e o governo e, após algumas derrotas nos amistosos posteriores e polêmicas internas, Havelange optou por demiti-lo poucos meses antes da estréia da seleção e contratou Zagallo como seu sucessor.

A queda de Saldanha já tinha data. E ficou resolvida quando influentes amigos de Havelange o aconselharam a tomar uma decisão urgente, pois o governo estava muito interessado na Seleção Brasileira. Os amigos ainda advertiam: se Havelange não fizesse nada, o governo poderia virar-se contra ele. (Revista Placar, 27/03/1970, p. 8)⁹

Nos campos mexicanos, veio a consagração - e o alívio militar. O "futebol arte" brasileiro fez uma campanha irretocável e, invicta, conquistou o tricampeonato mundial e a posse definitiva da Taça Jules Rimet. Após a vitória contra a Itália na final, o presidente Emílio Garrastazu Médici fez questão de promover uma verdadeira festa para recepcionar os "heróis" da nação. Uma onda ufanista surgiu no Brasil e o Regime Militar passou a relacionar a conquista com o progresso do país, impulsionado pelo Milagre Econômico que estava em curso. Era a celebração do Brasil-Potência em surgimento, rumo ao Primeiro Mundo.

Apesar dos maus resultados nas duas Copas do Mundo seguintes - 4º lugar, em 1974, e 3º, em 1978 - o Regime Militar continuou enxergando no futebol um excelente instrumento político, dessa vez como aliado no projeto de integração do país, que estava em curso, principalmente, após o decreto que instituiu a criação do Programa de Integração Nacional (P.I.N.) - assinado por Médici na véspera da semifinal da Copa de

⁹ Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/placar-n-2/>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

1970. No ano seguinte ao decreto, o governo intercedeu junto à CBD pela criação do primeiro Campeonato Brasileiro, que englobou equipes de todas as regiões do país. Além disso, grandes estádios foram construídos e inaugurados ao redor do país, principalmente na região Nordeste, como parte deste programa governamental.

Embora o uso direto do futebol como propaganda tenha sido reduzido ao longo dos anos, principalmente após a queda da Ditadura Militar e a posterior redemocratização do país, sua ligação com a política continua forte. O atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, por exemplo, busca, sempre que possível, associar sua imagem aos clubes brasileiros para promover-se politicamente, de modo que já fez aparições públicas com a camisa de mais de 80 clubes diferentes¹⁰.

2. ESPORTE COMO INSTRUMENTO DA PROPAGANDA TOTALITÁRIA

A ascensão do totalitarismo na Europa, com os regimes fascista e nazista, durante o século XX, coincidiu com a popularização de diversas competições esportivas, como os Jogos Olímpicos de Verão. Não demorou muito para que o esporte recebesse atenção especial dos regimes anti-democráticos, não apenas por sua capacidade de atrair multidões, mas também porque, quando bem utilizado, ele torna-se um excelente aliado à propaganda totalitária, pois é capaz de exaltar e despertar sentimentos como patriotismo.

O sentimento individual de pertencimento ao país nasce através do compartilhamento de vários símbolos, como a bandeira e suas cores e o hino nacional (DRUMOND, 2009, p. 399). Tais simbolismos ganham uma dimensão ainda maior para a propaganda totalitária, que almeja evocar, por meio deles, um conjunto de sentimentos relacionados à nação. Ao ressignificar os símbolos, os regimes anti-democráticos buscam manter as massas sob um estado contínuo de exaltação à pátria e, ao mesmo tempo, provocar angústia nos adversários.

A propaganda totalitária, através dos esportes, ganha uma grande oportunidade para explorá-los, seja através dos uniformes, os quais possuem as cores da nação, ou dos hinos, que são tocados durante as competições esportivas entre países. A camisa da seleção brasileira, por exemplo, que outrora representava toda a nação, tornou-se

¹⁰ Disponível em: <<https://bit.ly/3u0RyD9>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

símbolo dos partidos conservadores no país, por ter sido bastante utilizada pelos manifestantes que reivindicavam o impeachment da presidente Dilma Rousseff e, também, que participam de manifestações antidemocráticas pró-Ditadura Militar¹¹.

De acordo com Domenach, o espetáculo é um elemento essencial da propaganda totalitária (2002, p. 65). Tal como os grandes comícios elaborados por Hitler, o esporte pode ser considerado uma das principais manifestações espetaculares, ao ser capaz de mexer com a emoção das pessoas e envolver por completo os sentimentos da grande massa durante um determinado evento. Manifestações cívicas na ruas, por exemplo, são comuns após grandes vitórias e conquistas do país no âmbito esportivo.

Embora num regime anti-democrático manifestações sejam duramente reprimidas, através do uso da força, nesses casos são de extrema importância para o governo. Um dos mecanismos básicos da propaganda totalitária é criar a sensação de unanimidade entre as massas, passando a impressão de um povo unido em prol do progresso da nação, para utilizá-la como veículo de entusiasmo (DOMENACH, 2002, p. 91). Essa ilusão de unanimidade torna-se uma grande demonstração de força para o regime, que, dessa maneira, incentiva a ocorrência dessas manifestações.

(..) assim como os eventos esportivos das festas cívicas brasileiras, se utilizava do capital simbólico envolvido no esporte, tendo em vista associá-lo ao regime e a seus líderes. A associação entre o esporte e a festa cívica era mais uma ferramenta na promoção da simbiose esporte/Estado, além de contribuir para a formação do clima festivo e da sensação de progresso (...) (DRUMOND, 2009, p. 413)

A Ditadura Militar brasileira, por exemplo, durante a Copa do Mundo de 1970, apoiou as manifestações populares no país para oxigenar seu projeto de legitimação entre as massas. Após cada vitória da seleção nos campos mexicanos, o povo saía nas ruas das principais cidades para celebrar. No dia seguinte à conquista, a Secretaria de Turismo do Rio de Janeiro fez um apelo à população carioca: que levassem às ruas bandeiras do Brasil para a celebração do carnaval fora de época¹². Mais que a comemoração de uma conquista esportiva, era a oportunidade que o governo tanto almejava para celebrar o novo país que nascera a partir do golpe militar de 1964. A

¹¹ Disponível em: <https://brasil.eipais.com/brasil/2018/06/16/deportes/1529108134_704637.html>. Acesso em: 02 abr. 2021.

¹² *Jornal O Globo*, Edição Matutina, 23 jun. 1970, p. 19. Disponível em: <<https://glo.bo/39zkavp>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

imagem do povo na rua, mesmo que indiretamente, fortalece o regime e, de uma certa maneira, pode funcionar como um inibidor de manifestações contrárias a ele.

As competições esportivas, também, são grandes aliadas para um governo que almeja melhorar o impacto negativo que sua imagem passa interna ou externamente. Ao longo do tempo, não foram poucas as vezes que países totalitários receberam competições para amenizar sua imagem perante os olhos do mundo, na tentativa de fazer *sportswashing*¹³. Em 1936, por exemplo, a Alemanha sediou as Olimpíadas para não apenas mostrar a "superioridade da raça ariana", como também, ao permitir a presença de atletas negros e judeus na competição, reduzir as pressões políticas internacionais que vinham criticando o racismo nazista.

Sediar as principais competições esportivas é uma estratégia comumente utilizada pela propaganda totalitária para demonstrar a soberania do Estado, tanto interna quanto externamente. Ao receber os megaeventos, como os Jogos Olímpicos, o regime anti-democrático ganha a oportunidade de apresentar ao mundo sua força, geralmente simbolizada através da arquitetura e da construção de gigantes complexos esportivos.

Apesar de nunca ter sediado nenhum grande evento, o Regime Militar utilizou, principalmente durante a década de 1970, a construção de estádios como tática para apresentar internamente a imagem de um país em desenvolvimento. Movidos pelo Milagre Econômico¹⁴ e pelo P.I.N., a construção de grandes estádios ao redor do Brasil tornou-se artifício comum para representar a força econômica do país durante os Anos de Chumbo ao redor do Brasil¹⁵. Durante os governos Médici (1969-1974) e Geisel (1974-1979), a partir da consolidação do Campeonato Brasileiro recém-criado, conduziu-se uma grande política de desenvolvimento do futebol nacional e, por isso, cerca de 32 estádios foram inaugurados ou ampliados no país, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste.

Além disso, o esporte, também, possui algumas outras particularidades que acabam corroborando certas características da propaganda totalitária, fortalecendo o discurso do regime. Segundo Zygmunt Bauman, o sentimento de identidade nacional nasceu, durante a formação dos Estados-nação modernos, através da imposição da

¹³ *Sportswashing* é o termo designado para a utilização do esporte por um determinado país, geralmente conhecido por ser anti-democrático, para melhorar sua imagem dentro de outros países. Disponível em: <<https://glo.bo/3m9tn2x>>. Acesso em: 31 mar. 2021.

¹⁴ O chamado Milagre Econômico foi o período da história do Brasil, entre 1967 e 1973, em que o país apresentou elevadas taxas de desenvolvimento econômico. Foram os anos de maior crescimento durante a Ditadura Militar.

¹⁵ Disponível em: <<https://bit.ly/3w1SS1S>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

fronteira entre "nós" e "eles" (2005, p. 27-28). Nada melhor para os regimes anti-democráticos do que explorar essa divisão ao máximo, intensificando, assim, o sentimento de patriotismo entre as massas: um povo unido lutando contra um inimigo externo. Ao individualizar os adversários, técnica comum à propaganda totalitária, o esporte torna-se um dos meios possíveis de demonstrar a superioridade do regime perante os "inimigos da nação".

As competições, portanto, tornam-se verdadeiras guerras. As partidas, grandes batalhas. Os jogadores, quando vitoriosos, retornam aos seus países como guerreiros, verdadeiros heróis de guerra. Na Itália Fascista, por exemplo, após a conquista do bicampeonato mundial de futebol:

Quando voltaram para casa, os jogadores foram recebidos como gladiadores vitoriosos. Para o regime, o êxito esportivo e sua potencialidade propagandística criavam mais uma vez uma ocasião monumental, capaz de ritualizar a fidelidade nacional e exaltar os valores do regime. (AGOSTINO, 2002, p. 65)

A conquista da equipe sobrepõe-se ao campo esportivo. Torna-se a vitória de toda uma nação, a consagração do regime. Cabe à propaganda, portanto, explorá-la ao máximo, sempre correlacionando o sucesso esportivo com o progresso da nação.

Percebe-se que são muitas as estratégias possíveis para utilizar o esporte como meio da propaganda totalitária. Cada forma de propaganda contribui de um modo diferente, mas todas têm um único objetivo: fortalecer o governo. Quando bem utilizadas, são capazes de elevar o sentimento de pertencimento à nação das massas e a sensação de progresso do país, que geram uma ambiente confortável para a sustentação de regimes antidemocráticos.

3. SALVE A SELEÇÃO: O REGIME MILITAR E A COPA DO MUNDO DE 1970

Pela primeira vez, desde a primeira edição realizada em 1930, no Uruguai, as partidas da Copa do Mundo foram transmitidas ao vivo, via satélite, pela TV, para praticamente todo o território brasileiro. Durante o torneio, a televisão serviu como grande aliada para criar vínculos entre o regime e boa parte da população brasileira. Segundo Otavio Costa, militar responsável pela propaganda do Regime Militar, ela multiplicou o sucesso da seleção no México (MEMÓRIAS, 2012), abrindo margem

para a popularização da figura do presidente Médici e criando condições para a expansão de um sentimento ufano-nacionalista entre as massas. "A cada vitória, uma aclamação popular que parecia legitimar o regime, com o próprio Médici aparecendo no noticiário da TV fazendo embaixadinhas" (AGOSTINO, 2002, p. 161).

No Brasil, apesar da desconfiança de alguns torcedores, o clima de otimismo pairava entre os militares, que traçaram, durante a campanha, diversas estratégias para conquistar o apoio popular que legitimaria o regime. Através dos grandes meios de comunicação, sobretudo após a consolidação do tricampeonato, criou-se uma grande campanha em torno da imagem do presidente Médici e da autopromoção governamental.

3.1. MÉDICI, O TORCEDOR COMUM

Em seu discurso de posse como Presidente da República, no dia 27 de outubro de 1969, o general Emílio Garrastazu Médici externou ao povo sua vontade de receber dos brasileiros o "prêmio de popularidade" após o fim de seu mandato (GUTERMAN, 2004, p. 269). Em busca desse apoio popular, Médici escorou-se no futebol como aliado para estabelecer relações e conectar-se com as massas.

Promovia-se assim uma importante estratégia de propaganda da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), no sentido de transformar o presidente [Médici] em Torcedor Número I da nação, articulando os êxitos futebolísticos à imagem de Brasil-Potência que o governo se esforçava em difundir. (AGOSTINO, 2002, p. 158)

De fato, o general Médici era apaixonado pelo futebol. Não foram poucas as vezes que compareceu nos estádios para assistir aos jogos importantes ou deu pitacos sobre como a Seleção Brasileira deveria jogar ou quais jogadores deveriam ser convocados. Inclusive, atribuiu-se a ele a culpa pela demissão de João Saldanha, faltando semanas para a disputa do torneio. Durante a Copa do Mundo de 1970, através dos meios de comunicação, a propaganda governamental explorou ao máximo essa característica de Médici para apresentá-lo como um "torcedor comum" ao povo, criando, assim, um sentimento de identificação das massas com o presidente.

Durante o torneio, Médici fazia questão de palpitar sobre os resultados dos jogos, acompanhar todas as partidas da seleção e, a cada vitória, parabenizar os jogadores e

comissão técnica, sem esconder, como todo bom torcedor, sua admiração por atletas específicos. Cenas do Médici enrolado na bandeira nacional e aparecendo no noticiário da TV fazendo embaixadinhas foram comuns naquele mês de junho. "Todo o esforço publicitário do governo para aproximar Médici dos demais brasileiros era, como se vê, bastante facilitado pela própria conduta do presidente (GUTERMAN, 2004, p. 271)".

Mas foi logo após a vitória contra a Itália que Médici obteve a consagração máxima e viveu sua plenitude como torcedor. Logo após a partida, convocou o povo às ruas para celebrar a conquista e recepcionar os novos "heróis" brasileiros, num verdadeiro carnaval fora de época¹⁶. No dia seguinte, o *Jornal O Globo* dedicou uma página inteira para retratar as comemorações do Presidente da República, que vivenciava "o dia mais feliz de sua vida"¹⁷.

Centenas de carros enfeitados com bandeiras foram até as imediações do Palácio da Alvorada e o Presidente, quando tomou conhecimento, mandou abrir os portões e convidar a todos para a comemoração. Em menos de cinco minutos, verdadeira multidão estava (...) frente ao Palácio, (...) ficando o Presidente Médici ao centro, cantando e mostrando a todos uma bandeira nacional que um folião lhe entregou. (*Jornal O Globo*, 22/06/1970, p. 3)

Na recepção oficial à delegação brasileira, que aconteceu no Palácio do Planalto, dois dias depois da conquista, o presidente foi uma das pessoas mais aclamadas. "Ao chegar ao palácio, o Presidente foi saudado pela multidão, que, pela primeira vez lotou completamente toda a Praça dos Três Poderes, gritando "viva o Presidente"" (*Jornal O Globo*, 24/06/1970, p. 6). Quando os jogadores chegaram ao Palácio, Médici fez questão de cumprimentar um por um e chegou a se emocionar quando teve a oportunidade de abraçar Pelé.

Essas atitudes de Médici durante e após o torneio acabaram colaborando para o fortalecimento de sua imagem perante às massas, não apenas como Presidente da República, mas também como "homem comum", principal objetivo almejado pela propaganda governamental. Mesmo liderando o período mais brutal e repressivo dos Anos de Chumbo, o futebol contribuiu para que o general se tornasse o presidente mais popular do Regime Militar.

¹⁶ *Jornal O Globo*, Edição Matutina, 22 jun. 1970, p. 1. Disponível em: <<https://glo.bo/3s13Mu1>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

¹⁷ *Jornal O Globo*, Edição Vespertina, 22 jun. 1970, p. 3. Disponível em: <<https://glo.bo/2Osx7zK>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta análise, compreende-se que esporte e política possuem uma relação bem intensa. Ao longo do último século, governos anti-democráticos transformaram o esporte em uma arma para, através dela, conquistar apoio popular, criando uma base para a sustentação de seus regimes. Através da propaganda totalitária e dos meios de comunicação de massa, elaborou-se uma série de estratégias para utilizar o capital simbólico dos esportes, através dos símbolos e das manifestações cívicas, por exemplo, com o objetivo principal de legitimar suas políticas e divulgar ideais de seus regimes.

Os apelos comunicacionais associados ao esporte, como viu-se no presente artigo, são amplos, complexos e podem permanecer durante anos na sociedade. A canção de Miguel Gustavo, por exemplo, permanece no imaginário popular, mesmo após cinco décadas de seu lançamento, e de quatro em quatro anos volta a ser lembrada pelo povo.

A conquista do tricampeonato mundial da seleção brasileira, sem dúvidas, criou condições para que a Ditadura Militar, especialmente o Governo Médici, conquistasse apoio popular. Ela, também, serviu como combustível para ampliar o discurso governamental de desenvolvimento econômico e unidade nacional, criando um ambiente propício para a expansão da onda ufanista pelo Brasil. Este ambiente, ampliado pelo auge do Milagre Econômico e pela censura, criou as condições para a legitimação da política nacional-desenvolvimentista e popularização do presidente Médici, mesmo durante o período mais repressivo da história brasileira. O futebol e o esporte em geral seguem sendo utilizados como veículos de propaganda por governos com aspirações autoritárias, o que pode ser objeto de futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ-Mauad, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CAPELATO, Maria Helena. **Propaganda política e controle dos meios de comunicação**. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação

Getúlio Vargas, 1999. p. 167-178. Disponível em: <<https://bit.ly/3t8XmdM>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

DOMENACH, Jean-Marie. **A propaganda política**. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores, 2002.

DRUMOND, Maurício. **Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação**. In: Estud. hist. (Rio de Janeiro), v. 22, n. 44, p. 398-421, dez. 2009. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0103-21862009000200005>>. Acesso em 26 mar. 2021.

Esporte Ilustrado, Rio de Janeiro, n. 637, 22 jun. 1950. Disponível em: <<https://bit.ly/3svvQqq>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

Folha de São Paulo, São Paulo, n. 14.982, 23 jun. 1970. Disponível em: <<https://bit.ly/3uUKqcc>>. Acesso em: 08 abr 2021.

GUTERMAN, Marcos. **Médici e o Futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do Regime Militar**. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudo Pós-Graduados de História PUC-SP, vol. 29, nº 01, p. 267-279. São Paulo, 2004. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9958>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

Jornal O Globo, Rio de Janeiro, Edição Matutina, 03 jun. 1970. Disponível em: <<https://glo.bo/2OM04Hd>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

Jornal O Globo, Rio de Janeiro, Edição Matutina, 22 jun. 1970. Disponível em: <<https://glo.bo/3s13Mu1>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

Jornal O Globo, Rio de Janeiro, Edição Vespertina, 22 jun. 1970. Disponível em: <<https://glo.bo/2Osx7zK>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

Jornal O Globo, Rio de Janeiro, Edição Matutina, 23 jun. 1970. Disponível em: <<https://glo.bo/39zkavp>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

Jornal O Globo, Rio de Janeiro, Edição Matutina, 24 jun. 1970. Disponível em: <<https://glo.bo/3fmJ57n>>. Acesso em: 08 abr. 2021.

MARTOLIO, Edgardo. **Glória roubada: o outro lado das Copas**. São Paulo: Figurati, 2014.

MELO, V. A. DE; DRUMOND, Maurício. **Esporte, cinema e política na Argentina de Juan Perón (1946-1955)**. Estudos Ibero-Americanos, v. 35, n. 1, p. 56-72, 14 set. 2009. Disponível em <<https://doi.org/10.15448/1980-864X.2009.1.5792>>. Acesso em 10 abr. 2021.

MEMÓRIAS do Chumbo: O Futebol nos Tempos do Condor - Brasil. Direção: Lúcio de Castro. São Paulo: ESPN Brasil, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/3a0crXj>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

Revista Placar, n. 2, 27 mar. 1970. Disponível em: <<https://bit.ly/3iqgVez>>. Acesso em: 29 mar. 2021.